

EUCARISTIAS De 19 a 25 de janeiro de 2015

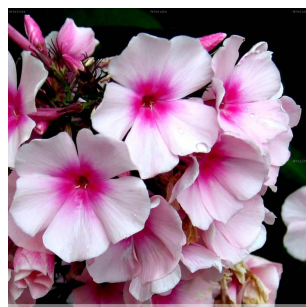
DIAS	HORA	LOCAL	INTENÇÕES
Segunda	17h00	Ribeira Seca	Herculina e António Faustino
	19h00	Ribeira Seca	Dolores Resende Pedroso - 7º Dia
Terça	17h30	Ribeira Seca	Mariana e José Faustino
	19h30	Ribeira Seca	José Vitorino Fontes
Quarta	17h00	Ribeira Seca	Maria de Fátima Ferreira da Cunha
Quinta	17h00	Ribeira Seca	Em louvor do Menino Jesus de Praga
Sexta	17h00	Ribeira Seca	António Afonso e Teresa Afonso
Sábado	17h00	Santo António - Rib.ª do Nabo - Er.ª de S.º António - R.ª d'Areia	
	18h00	Velas - Fajã dos Vimes - Portal	
Domingo	10h00	Manadas	
	10h30	Beira	
	11h00	Norte Pequeno - Biscoitos	
	11h30	Velas	
	12h00	Calheta - Ribeira Seca	
	12h30	Urzelina	
	13h00	Norte Grande - Festa de Santo Antão	

PENSAMENTO DA SEMANA**Amar um ser é esperar nele para sempre.**

Amar um ser é não o julgar; julgar um ser é identificá-lo com aquilo que dele se conhece. «Agora, conheço-te. Agora julgo-te. Sei aquilo que vales»... Isto representa matar um ser.

Amar um ser é esperar sempre dele algo de novo, algo de melhor.

Louis Evely, em "Fraternidade e Evangelho"

**ZONA PASTORAL CENTRO**

Beira - Calheta - Manadas - Norte Grande - Norte Pequeno - Ribeira Seca - Stº António - Urzelina - Velas

Pe. Manuel Santos Teles. 295416484 Telm. 917633096 e-mail: padrema@mail.telepac.pt

Pe. António Azevedo Telef. 295414152 Telm. 918996189

Pe. Marcos Miranda Telef. 295416671 Telm. 926597399 e-mail: marcos_miranda_3@hotmail.com

Pe. Ruben Pacheco Telm. 968300399 e-mail : perubepacheco@gmail.com

Carta Familiar

BOLETIM INTERPAROQUIAL ANO XV SERIE II Nº 676 18.01.2015

A CORAGEM É A FORÇA DO CORAÇÃO

A coragem é um movimento do espírito pelo qual um coração grande se dá a conhecer. Não é uma força bruta da vontade, é uma decisão da consciência. É a capacidade de ser livre apesar do medo.

Só um bom coração reconhece o bem e tem de ser grande para lutar pelo melhor que há na vida.

O heroísmo dos grandes corações revela-se, não diante de enormes ameaças ou dos perigos mais assustadores, mas na vida comum de pessoas que nunca será reconhecida. Há muita gente que vive o seu amor ao bem de uma forma tão sublime quanto anónima. São os anjos que há na terra. Têm carne, ossos e problemas grandes e pequenos... tal como todos nós. Podemos ser nós!



Ter coragem dói. Os corações grandes têm muitas mágoas. Carregam as suas, aquelas de que ninguém suspeita, e as de outros... que não querem ou não podem levá-las sozinhos. Os corajosos encontram sempre forma de sofrer, mesmo quando estão bem. Sabem que não se pode ser feliz sozinho, nem, tão-pouco, com alguém a sofrer ali ao lado. São felizes, mas de uma forma muito estranha: é só lá muito no fundo.

A maior bravura destes corajosos é que dão mesmo o que não têm.

É com fê no amor que se vence o medo paralisante, mas é com essa mesma fê que ficamos a saber que não podemos tudo e que sozinhos podemos ainda menos.

Os corações corajosos têm tristezas e trevas. São, aliás, os que mais as têm. Carregam-nas, mas encontram quase sempre uma forma de serem mais fortes do que elas. Quando caem e se perdem, é trágico, porque como são grandes e as mágoas que suportam são pesadas, caem ainda mais fundo e magoam-se muito. Mas, é uma questão de tempo até perceberem que não são da terra, mas do céu, e sem que se perceba como, levantam-se... e seguem o seu caminho.

A coragem implica uma solidão. Profunda. Não é uma loucura momentânea que torna valoroso um homem que não o é. A coragem é uma decisão dos que sabem o que estão a fazer e conhecem os riscos que correm. Ninguém nasce corajoso. Aprende-se a ser forte. Aprende-se a viver a verdade. Aprende-se a amar.

Enfrenta-se mil futilidades, sorri-se apesar da perda e da doença, trabalha-se no que não se gosta, chora-se... mas vive-se, inteiro, uma vida inteira.

Falhas, fraquezas, trevas e tristezas... não são o que somos. São o que não somos... nem vamos ser, nunca! Assim saibamos ser a coragem que nos falta a nós e a que falta aos outros.

José Luís Nunes Martins, Texto Adaptado

<http://cartafamiliar.ouvidoriasaojorge.com>

II DOMINGO DO TEMPO COMUM

A liturgia do 2º Domingo do Tempo Comum propõe-nos uma reflexão sobre a disponibilidade para acolher os desafios de Deus e para seguir Jesus.

A primeira leitura apresenta-nos a história do chamamento de Samuel. O autor desta reflexão deixa claro que o chamamento é sempre uma iniciativa de Deus, o qual vem ao encontro do homem e chama-o pelo nome. Ao homem é pedido que se coloque numa atitude de total disponibilidade para escutar a voz e os desafios de Deus.

O Evangelho descreve o encontro de Jesus com os seus primeiros discípulos. Quem é “discípulo” de Jesus? Quem pode integrar a comunidade de Jesus? Na perspectiva de João, o discípulo é aquele que é capaz de reconhecer no Cristo que passa o Messias libertador, que está disponível para seguir Jesus no caminho do amor e da entrega, que aceita o convite de Jesus para entrar na sua casa e para viver em comunhão com Ele, que é capaz de testemunhar Jesus e de anunciá-Lo aos outros irmãos.

Na segunda leitura, Paulo convida os cristãos de Corinto a viverem de forma coerente com o chamamento que Deus lhes fez. No crente que vive em comunhão com Cristo deve manifestar-se sempre a vida nova de Deus. Aplicado ao domínio da vivência da sexualidade – um dos campos onde as falhas dos cristãos de Corinto eram mais notórias – isto significa que certas atitudes e hábitos desordenados devem ser totalmente banidos da vida do cristão.

Dehonianos

**MEDITAR
MAGNIFICAT**

O evangelista Lucas imortalizou
O magnífico louvor que a tua boca pronunciou.
Como tu, *a minha alma glorifica ao Senhor*
e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador (Lc 1, 46-47).

Porque do medo à confiança me fez renascer
E um coração vazio de esperança voltou a encher.
Porque esta alma perdida voltou a encontrar
A luz para os seus passos guiar.

Porque os olhos na humildade da sua serva pôs (cf. Lc 1, 48)
E para ela uma magnífica melodia compôs.
Cheia de misericórdia, bondade e amor
Com a leveza das nuvens e o perfume da mais fina flor.

Como a ti, *de hoje em diante me chamarão bem-aventurada* (Lc 1, 48)
Porque em mim verão o esplendor de ser por Deus amada.
«*O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas*» (Lc 1, 49), direi a *todas as gerações* (Lc. 1, 48)
E com a alegria do Seu Evangelho tocarei, como tu, os seus corações.

Santo é o Seu nome (Lc 1, 49) e o Seu mandamento o amor.
Que, seguindo o teu exemplo, o saiba cumprir mesmo na dor.
Mantem acesa em mim das tuas virtudes a luz,
E a coragem de seguir o teu Filho até aos pés da cruz.

Raquel Dias

**CONTO (535)****O LENHADOR HONESTO**

Há muito tempo, numa floresta verdejante e silenciosa, próximo de um riacho de águas rápidas, espumantes e cristalinas, vivia um pobre lenhador que trabalhava muito para sustentar a família.

Todos os dias empreendia a árdua caminhada floresta adentro, levando ao ombro o seu afiado machado. Partia sempre assobiando contente, pois sabia que enquanto tivesse saúde e o machado, conseguiria ganhar o suficiente para comprar o pão de que a família precisava.

Um dia, estava ele a cortar um enorme carvalho perto do rio. As lascas voavam longe e o barulho do machado ecoava pela floresta com tanta força que parecia haver uma dúzia de lenhadores a trabalhar.

Passado algum tempo, resolveu descansar um pouco. Encostou o machado à árvore e virou-se para se sentar, mas tropeçou numa raiz velha e retorcida e esbarrou no machado; antes que pudesse agarrá-lo, caiu ribanceira abaixo, indo parar ao rio!

O pobre lenhador vasculhou as águas tentando encontrar o machado, mas aquele trecho era fundo demais. O rio continuava a correr com a mesma tranquilidade de sempre, ocultando o tesouro perdido.

— O que hei de fazer? Perdi o machado! Como vou dar de comer aos meus filhos? – gritou o lenhador.

Mal acabara de falar, surgiu de dentro do riacho uma bela mulher. Era a fada do rio, que viera até à superfície ao ouvir o lamento.

— Por que estás a sofrer tanto? – perguntou em tom amável.

O lenhador contou o que acontecera e ela mergulhou em seguida, tornando a vir à superfície segundos depois, com um machado de prata.

— É este o machado que perdeste?

O lenhador pensou em todas as coisas lindas que poderia comprar para os filhos com toda aquela prata! Mas o machado não era dele, e abanou a cabeça, dizendo:

— O meu machado era de aço.

A fada das águas colocou o machado de prata na margem do rio e tornou a mergulhar. Voltou logo e mostrou outro machado ao lenhador:

— Talvez este machado seja o teu, não?

— Não, não! Esse é de ouro! Vale muito mais do que o meu.

A fada das águas depositou o machado de ouro na margem do rio. Mergulhou mais uma vez. Tornou a vir à tona. Desta vez, trouxe o machado perdido.

— Esse é o meu! É o meu, sim; sem dúvida!

— É o teu – disse a fada das águas – e agora também são teus os outros dois. São um presente do rio, por teres dito a verdade.

À noite, o lenhador empreendeu a árdua caminhada de volta para casa com os três machados às costas, assobiando contente e pensando em todas as coisas boas que eles iriam trazer à sua família.

William J. Benneth *Texto adaptado de uma história escrita por Emilie Poulsson*

INFORMAÇÕES**RECEITAS**

Cortejo de oferendas da Er.^{da} de S.^{to} António - 420,00€.

RECOLHA DO CULTO

Durante este mês de janeiro irá proceder-se à recolha do culto na Paróquia de Ribeira Seca, nos moldes habituais.